



5.7. Entre ser e não ser
caminho – Mário Castrim e
*A Caminho de Fátima*³³

José António Gomes
(orcid.org/0000-0001-9593-302X)

(ESE. Politécnico Porto)

Ana Margarida Ramos

(orcid.org/0000-0001-5126-4389)

(Universidade de Aveiro)

Sara Reis da Silva

(orcid.org/0000-0003-0041-728X)

(Universidade do Minho)

Resumo: Analisa-se neste texto a novela *A caminho de Fátima* (1992), de Mário Castrim, um bom exemplo de parodização das narrativas sobre caminhos e peregrinações, destinada a pré-adolescentes e adolescentes. O ponto de partida da história é uma excursão de automóvel a Fátima, um dos mais emblemáticos lugares do mundo católico no ocidente. Protagonizada por oito personagens, a maioria da pequena burguesia lisboeta, que viajam num Citroën 2 CV, a ação constitui,

33. Il. José Miguel Ribeiro, Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

à primeira vista, o oposto do que deveria ser um caminho de aperfeiçoamento pessoal, espiritual e moral, eventualmente tutelado por uma entidade divina. Contudo, uma atenção mais fina ao desenvolvimento do conflito e da relação entre personagens permite detetar uma subtil alternativa a esse caminho tradicional. Ora, tal alternativa parece apontar para um progresso no modo de ser das personagens, o qual preserva os laços afetivos entre elas e exalta, de certa forma, a compreensão mútua e a humanização das relações sociais, relegando para um plano insignificante a questão religiosa.

Palavras-chave: caminho, Castrim, Fátima, novela para jovens, paródia.

Abstract: This text analyzes the novel *A Caminho de Fátima* (On the way to Fátima) (1992), by Mário Castrim, a good example of literary parody of narratives about paths and pilgrimages, aimed at pre-adolescents and adolescents. The starting point of the story is a car tour to Fátima, one of the most emblematic places in the Catholic world in the west. Starring eight characters, the majority belonging to Lisbon's middle class, who travel in a Citroën 2 CV, the action is, at first glance, the opposite of what should be a path of personal, spiritual and moral improvement, eventually protected by divinity. However, a finer attention to the development of conflict and the relationship between characters allows us to detect a subtle alternative to this traditional path. This alternative seems to point to a progress in the characters' way of being, which preserves the affective ties between them and, in a way, encourages mutual understanding and the humanization of social relations, relegating the religious question to an insignificant level.

Keywords: Castrim, Fátima, novel for young people, parody, path.

É em Maio de 1992 que Mário Castrim (pseudónimo de Manuel Nunes da Fonseca, nascido em Ílhavo, em 1920, e falecido em Lisboa, em 2002) publica a sua novela para jovens *A caminho de Fátima*, com ilustrações de uma figura maior do cinema de animação e da ilustração em Portugal. Referimo-nos a José Miguel Ribeiro, que, neste trabalho a preto e branco, recorre a um registo caricatural mas muito gráfico, por assim dizer, que à lembrança nos traz o *cartoon* de jornal e a banda desenhada, considerando, por exemplo, que são utilizados pequenos quadros/vinhetas sem balões, quatro na mesma página, uma maior, as outras bem mais pequenas, estas últimas destacando pormenores. Uma análise menos sumária das ilustrações daria a ver como a linha adotada por Ribeiro é a mais adequada para realçar toda a dimensão humorística da narrativa de Castrim.

Isto porque estamos, efetivamente, perante uma novela de claro recorte cómico e que faz assentar esta sua peculiaridade na comichidade da linguagem (patente nos constantes e vivíssimos diálogos entre as personagens, quase *sketches* teatrais alguns deles), no cómico de situações (trata-se de uma aventura de um dia, rocambolesca e repleta de pequenos lances e acidentes anedóticos, hiperbolicamente explorados e com muito de cinematográfico) e ainda no cómico de personagens, cujas diferenças físicas e psicológicas, e compatibilidades e incompatibilidades de vária ordem, em especial de carácter, são bem marcadas e exploradas.

Embora a relação da diegese com o discurso narrativo seja, no tocante ao tempo, relativamente linear, isto é, apesar de os acontecimentos serem narrados seguindo, no discurso, a ordem pela qual cronologicamente se sucedem, deve dizer-se que existe uma aposta num jogo de vozes narrativas, menos convencional, e algo lúdico, como veremos. A voz principal é a de um narrador heterodiegético. Mas esta cede lugar, nos capítulos 7, 19, 20 e 21, a outras vozes, homodiegéticas portanto, a saber:

- (a) cada uma das personagens do núcleo principal (cap. 7);
(b) a voz (escrita) da compenetrada personagem juvenil José Carlos, publicada num jornal escolar de parede, sob a forma de conto acerca da viagem a Fátima e suas peripécias (cap. 19);
(c) a voz da desembaraçada e atrevida Maria João (a segunda personagem juvenil) em carta dirigida a uma amiga residente em Aveiro (distrito de naturalidade de Castrim) (cap. 20);
(d) e, finalmente, a voz do capitão Florêncio (aposentado da marinha mercante) em carta a Maria João (cap. 21).

Os três últimos capítulos (19, 20 e 21) correspondem a enunciações posteriores ao término da frustrada ida a Fátima (interrompida a meio), a qual constitui o essencial da ação narrada. E, uma vez que ativam o ponto de vista de cada personagem, permitem conhecer melhor o respetivo mundo interior, os valores que a norteiam e a viagem que nela eventualmente se verifica em termos de julgamento dos outros – o que ocorre sobretudo com o capitão Florêncio, pois, na sequência do regresso, passa a encarar com simpatia e afeto Maria João, após compreender que o seu atrevimento esconde afinal um temperamento altruísta e carinhoso.

Já o sétimo capítulo, situado a um terço do início da narrativa, é constituído por uma sucessão de divertidos testemunhos reflexivos (curtos solilóquios) das personagens principais, podendo estas ser agrupadas em quatro núcleos.

O primeiro é formado pelas três figuras femininas, já um pouco idosas, que resolvem empreender uma viagem a Fátima, o mais importante lugar de peregrinação católica em Portugal, por muitos feita a pé ou então por outros meios (autocarro, automóvel, comboio). Trata-se pois – e referimo-nos a este percurso em geral e não exatamente ao da obra – de um *caminho* no sentido religioso do termo e que, desde 1917, é percorrido por milhões de peregrinos, portugueses e estrangeiros, devotos do culto mariano. Céu (a inábil condutora do automóvel), D. Rosália (uma obesa senhora) e Fani (sempre fixada em doces e comeres diversos) são as personagens desse primeiro núcleo.

A razão da viagem prende-se com o pagamento duma promessa feita à Virgem de Fátima pela Doutora Ester, professora de liceu e conhecida de Céu, em voto de gratidão pela recuperação do marido, capitão Florêncio, atingido antes por um acidente cardiovascular. Este casal constitui o segundo núcleo de personagens, ela preocupada em permanência com a saúde do marido, ele dominado pela irritação e pelo arrependimento de ter aceitado a proposta da viagem, sempre em conflito latente com as demais personagens, sobretudo com Céu, a desastrada condutora, e sobretudo com a neta desta, Maria João (que à avó parece chamar tia).

O terceiro núcleo é composto pelos dois jovens no início da adolescência, Maria João – incapaz de resistir a um aparte ou a uma pequena provocação lúdica, elegendo o capitão e a própria Céu como alvos – e José Carlos, figura simpática, calada, entregue à leitura como forma de escape a um grupo no qual se sente um intruso, já que representa aqui o tipo do jovem intelectual.

Além desta série de tipos humanos representativos de certa pequena-burguesia urbana de Lisboa, o quarto núcleo é aquele a que chamaremos não-humano, sendo constituído por Branquinha (cachorro macho com nome feminino...) e por Trolaró, o Citroën dois-cavalos em que todos, apertadíssimos, viajam, herdeiro do nome do burro “paz-de-alma” (Castrim, 1992: 9) que pertencera a Céu. Colocando em xeque o regime da verosimilhança, e interpelando o próprio autor da novela, Branquinha e Trolaró ativam (apenas no sétimo capítulo, sublinhe-se) um registo metaléptico, que se presume particularmente divertido para o potencial leitor.

Uma nova personagem emerge na ação a partir do décimo capítulo. Falamos de um pequeno gatuno simpático, não por acaso conhecido por Mãozinhas, e que é chamado pelas próprias autoridades a resolver o problema da abertura do carro, atendendo a que a chave ficara no interior do veículo fechado, na cidade de Caldas da Rainha, onde o grupo resolve deter-se, para que alguns, como sempre, se saciem de bolos numa pastelaria. Na sequência deste episódio, Mãozinhas evade-se da cadeia e mais tarde interceta, na estrada, o

veículo, obrigando a nova paragem para nele acelerar a fuga, na companhia do grupo. Grupo este que, assinale-se, de algum modo protege Mãozinhas da perseguição policial.

Fácil é compreender que um dos elementos cómicos mais explorados na narrativa é, além da série de divertidas peripécias, a circunstância de, durante parte da viagem, o Citroën dois-cavalos transportar um animal, cinco adultos e dois adolescentes, a que um novo adulto se irá somar, o impagável Mãozinhas (que afirma nunca ter roubado um desvalido). Este acaba por ver quer os seus intentos amparados pela companhia, em especial por José Carlos, quer a sua situação de certo modo tolerada e compreendida – naquilo que ideologicamente configura uma certa reabilitação da figura do pequeno marginal vítima de uma sociedade injusta.

Entre paragens em Loures, Caldas da Rainha, Alcobaça e outros locais, algumas motivadas por acidentes e direções erradamente seguidas, o grupo nunca chega a atingir o seu objetivo inicial: Fátima e o seu santuário. Comprometem a conclusão do *caminho* quer a intrusão de Mãozinhas quer o último acidente – quando, umas atrás das outras, as personagens caem numa gruta da qual apenas as salvará o conhecimento antigo do terreno por parte do carteirista, que reaparece, no decurso da sua prosseguida fuga.

Deste ponto de vista, se poderá afirmar que o *caminho* e muito do que ele pode comportar (elementos sacrificiais, austeridade de costumes, ritos de natureza religiosa, realização espiritual, cumprimento da promessa...) jamais atinge o seu termo. É um *caminho* que, nesta ótica, não chega verdadeiramente a sê-lo, frustrando-se os seus propósitos essenciais. Situação para a qual duas explicações existem. Por um lado, a fé e o divino não constituem o móbil principal da viagem, e pouco ou nada ocupam os pensamentos destes pseudo-peregrinos. Por outro lado, a gula (alguns diriam: o pecado da gula) é imperiosa, concita muito as atenções e determina os pontos de paragem no caminho, tendo como principais protagonistas Fani e Maria João, Céu e D. Rosália, embora as demais personagens não deixem créditos por mãos alheias.

O percurso de *A caminho de Fátima* é, portanto, a caricatura de um *caminho*; do ponto de vista literário configura uma parodização do *caminho* (sobre o conceito de paródia, leia-se Ceia, 2009) e da expressão que este tem assumido em criações artísticas, muito em especial quando elas recriam peregrinações a um local sagrado ou de fé. Ora, neste livro, o local de fé é Fátima. Um lugar que, ao longo dos anos, sempre atraiu incontáveis fiéis e suscitou, em simultâneo, enorme controvérsia (incluindo no seio do próprio catolicismo). Tal controvérsia centra-se na questão da “verdade” das chamadas aparições, e na sua exploração tanto em termos comerciais como ideológicos e políticos. Não querendo conferir relevo às motivações biográficas e a questões extraliterárias, é talvez este o ponto em que vale a pena recordar, de passagem, que Mário Castrim jamais escondeu nem a sua relação com o catolicismo (durante muito tempo colaborou no periódico juvenil *Audácia*, dos Missionários Combonianos) nem as suas convicções comunistas.

Com elementos que o aproximam da *road trip fiction*, o segundo grande elemento cómico desta espécie de *road movie* pleno de peripécias hilariantes prende-se com o facto de as etapas dos “peregrinos” não serem de natureza ritual ligada à fé e ao aperfeiçoamento moral e espiritual. Bem pelo contrário. As pausas são pontuadas, isso sim, pelo desejo, de alguns, de incessantemente buscar alimento, muito em particular as típicas especialidades doces de cada localidade. O caminho de *salvação* converte-se, assim, deste ponto de vista, num caminho de crescente *perdição*.

Contudo, e quase paradoxalmente, outros pontos conferem a este caminho uma conotação de valor positivo, no plano moral e das relações humanas. Gorada a excursão a Fátima, o grupo toma a decisão de, a meio do percurso, regressar a Lisboa, por proposta, prontamente aceite, do exasperado capitão. Tendo a *salvação* física do grupo, após a queda na gruta, sido garantida não por mão divina mas pelos saberes e orientações de um pequeno larápio, é já em Lisboa, alguns dias depois, que Florêncio se apercebe de que, nas Caldas da Rainha, Maria João pensara seriamente no seu desespero, nas suas limitações

de saúde e na sua inadaptação. Por isso, abrindo mão do seu dinheiro de bolso para a viagem, adquirira em segredo para ele, numa loja de velharias das Caldas da Rainha, um presente: a miniatura de um barco tradicional do Tejo, que no capitão suscitara vivo interesse e lhe trouxera à memória toda uma vida vivida no mar. É na carta final de Florêncio (Castrim, 1992: 119-122), um texto confessional e de arrependimento, que são recordadas esta e outras atitudes altruístas da atrevida Maria João, a qual, dias depois do regresso, telefonava a D. Ester inquirindo sobre a saúde do marido. Escutemos as palavras do capitão:

Maria João, gosto muito de ti. Por aqui é que eu devia começar, para ser franco, como compete a um homem que tem quarenta anos de mar. Também te quero dizer que não foi nada fácil. Cheguei a detestar-te. A ti, ao Carlos, àquela gente toda. Mas principalmente a ti. Nunca me irritei tanto com uma pessoa. Agora, que te conheço melhor, até me dá vontade de rir. (Castrim, 1992: 120)

Para o capitão, para Maria João, para D. Ester, para José Carlos – como se observa no seu texto escrito e bem assim na missiva de Maria João (Castrim, 1992: 113-118) –, para todos os outros, enfim (ajudados – aponte-se um exemplo – por uma solidária corda de automobilistas quando a gasolina se lhes esgota), para todas as personagens principais incluindo o redimido Mãozinhas, a viagem a Fátima vê revertido o seu cariz de *perdição*, tornando-se afinal um caminho de *salvação*, não por via da divindade, mas pela própria ação humana, e enfrentando até os tradicionais *momentos probatórios* que caracterizam o caminho: neste caso, desvios e enganos, acidentes, zangas, provações digestivas e outras.

Este é, em suma, o sentido do *caminho*, na novela para jovens de Mário Castrim, um livro “que não quer brincar com coisas sérias, quer dizer coisas sérias a brincar”, como se pode ler no peritexto sinóptico da contracapa, saído, muito provavelmente, da pena do próprio autor (Castrim, 1992). Um caminho que configura, em simultâneo, uma exaltação não moralista do *humano*, na sua comple-

xidade mas também no seu potencial de compaixão, de solidariedade e, por que não dizê-lo, de ludismo.

Numa síntese feliz, aplicável também à obra em análise, Rui Marques Veloso (1992), em texto que integra a base *Quem é quem na literatura para a infância e a juventude em Portugal*, afirma sobre a escrita de Mário Castrim, cujo centenário do nascimento em 2020 se comemora:

A gargalhada gostosa pode também surgir pela sucessão vertiginosa de situações caricatas vividas por personagens muito próximas do nosso quotidiano; isso vai facilitar a interiorização por parte do leitor – e é a intenção de Mário Castrim – de algumas ideias que se prendem com a comunicação entre as pessoas e com a sua capacidade de estreitar laços.

A maneira muito peculiar de este autor transmitir valores fundamentais para a construção do homem é visível nas obras atrás referidas e, igualmente, em títulos dirigidos a leitores com um maior fôlego de leitura.

O autor alude, neste fragmento, quer à obra lírica e de micro-narrativas de Mário Castrim (*Histórias com juízo*, 1969, *Colóquio*, 1977, *Estas são as letras*, 1977, *A moeda do sol*, 2006, e outros), quer às suas ficções para pré-adolescentes e adolescentes (*O cavalo do lenço amarelo é perigoso*, 1971, *A Caminho de Fátima*, 1992, *Váril, o herói*, 1994, *O caso da Rua Jau*, 1994), quer ainda aos seus contos ilustrados para a infância (por exemplo *História do fundo do mar*, 1975, *Gira Gira e Adriana*, 2001, *Gira Gira aprende música*, 2004, etc.).

Marcada pela leitura dos mestres do humor, do *nonsense*, dos surrealistas e dos poetas visuais, influenciada certamente pela riquíssima experiência do escritor enquanto crítico de televisão e jornalista, a produção de Castrim (que foi também poeta e autor de crónicas) é plurifacetada, tanto no plano genológico como no aspeto ideotemático, e caracteriza-se pela presença de traços diversos de experimentalismo. Merece por isso – neste ano do centenário do nascimento do escritor – ser reavaliada na sua originalidade, ser revalorizada e dada a ler às novas gerações.



Referências bibliográficas

- Castrim, Mário** (1992). *A caminho de Fátima*. Lisboa: Editorial Caminho. [Il. José Miguel Ribeiro].
- Ceia, Carlos** (2009). "Paródia". En *E-dicionário de termos literários*. Disponível em <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/parodia/>. Acedido: 26-5-2020.
- Veloso, Rui Marques** (2012). *Mário Castrim, Quem é quem na literatura para a infância e a juventude em Portugal*. Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. Disponível em <http://livro.dglab.gov.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=13374>. Acedido em 26-5-2020.